



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO JEQUITINHONHA E MUCURI  
GRADUAÇÃO EM MATEMÁTICA

VANESSA PEREIRA AMARAL

PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO DA MATEMÁTICA NAS ESCOLAS DO  
CAMPO

DIAMANTINA – MG

2021

**VANESSA PEREIRA AMARAL**

**PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO DA MATEMÁTICA NAS ESCOLAS DO  
CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado para obtenção do Diploma  
de Graduação em Licenciatura em  
Matemática, à Universidade Federal dos  
Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

Área de Concentração: Ensino de  
Matemática

Orientador: Kyrleys Pereira Vasconcelos

**DIAMANTINA – MG**

**2021**

**VANESSA PEREIRA AMARAL**

**PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO DA MATEMÁTICA NAS ESCOLAS DO  
CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em Matemática da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, submetida à aprovação da banca examinadora composta pelos seguintes membros:

---

Prof<sup>a</sup> Kyrleys Pereira Vasconcelos (Orientador)

---

Prof<sup>a</sup> Bianca Sena Gomes (componente da banca examinadora)

---

Prof<sup>a</sup> Greyd Cardoso Mattos (componente da banca examinadora)

**Diamantina – MG, Julho de 2021.**

## AGRADECIMENTOS

À Deus pela força, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de graduação e durante toda minha vida.

A minha orientadora, Profa Kyrleys Pereira Vasconcelos pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Aos professores e tutores do curso por nos mostrarem que seria possível alcançar nossos objetivos.

Aos colegas e amigos de curso, aos que por muitas vezes me ajudaram a concluir os ciclos do curso, que partilharam comigo sua família, em especial aos que se tornaram mais que colegas, amigos pra vida toda. Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

## **PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO DA MATEMÁTICA NAS ESCOLAS DO CAMPO**

### **RESUMO**

Esta pesquisa integrou conteúdos vinculados a importância da valorização da cultura campestre e a evolução da Educação dentro das comunidades do campo. A contribuição de documentos como os da Secretaria de Educação Continuada, As Diretrizes Operacionais por uma Educação do Campo, Alfabetização e Diversidade - SECAD/MEC (2007) foram essenciais para a fundamentação da pesquisa. E em consonância com estes documentos, apontaremos resultados de pesquisas apresentadas em teses e dissertações publicadas no período de 2015 a 2020 que defende a necessidade de valorizar na educação do campo o espaço sociocultural do sujeito. A pesquisa se perfaz na educação do campo voltado em específico no ensino da matemática. O nosso objetivo é investigar as possibilidades das práticas docentes no ensino da matemática nas escolas do campo, contemplando o espaço sociocultural do aluno. Para isso, buscamos identificar as políticas públicas que garantem o direito a uma Educação do Campo que leve em conta o contexto sociocultural do aluno; e verificar, por meio de uma análise bibliográfica, se as ações dos professores que atuam nas escolas de áreas rurais estão estimulando a aprendizagem dos alunos no ensino da matemática. Conclui-se, portanto, que ensinar matemática valorizando o espaço cultural do aluno, pode trazer resultados surpreendentes para a formação de alunos do campo.

**Palavras Chave:** Educação do campo, cultura, formação de educadores, sugestões didáticas no ensino da matemática, política públicas e sociais.

**LISTA DE SIGLAS**

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNE/CNB	Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica
LDB	Leis de Diretrizes e Bases
LEC	Licenciatura em Educação do Campo
MEC	Ministerio da Educação e Cultura
PROCAMPO	Programa Nacional de Educação do Campo
PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
UAB	Universidade Aberta no Brasil
UFBa	Universidade Federal da Bahia
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFS	Universidade Federal do Sergipe
UFVJM	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
UnB	Universidade de Brasília

## SUMÁRIO

<b>RESUMO .....</b>	<b>1</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>4</b>
<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>9</b>
<b>1.1 Histórico da Educação do Campo.....</b>	<b>9</b>
<b>1.2 Prática docente do professor de matemática .....</b>	<b>11</b>
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>13</b>
<b>3 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>14</b>
<b>3.1 Educação do Campo: Formação docente.....</b>	<b>15</b>
<b>3.2 Educação do Campo: Políticas públicas .....</b>	<b>17</b>
<b>3.3 Educação do Campo e contextos matemáticos.....</b>	<b>19</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>25</b>

## INTRODUÇÃO

O presente estudo se justifica no atual cenário social e político, considerando a desvalorização do ensino básico da matemática em áreas rurais, o que de certa forma acarretou em uma série de problemas ligados à desigualdade educacional. É importante destacar que a educação do campo, ao longo dos anos sofreu grandes dificuldades de adaptação, principalmente pelo fato das entidades governamentais não aceitarem igualar o ensino do campo com o ensino aplicado nas escolas de áreas urbanas.

Apesar dessas duas esferas de ensino: Educação do Campo e Educação Urbana terem conquistas de direitos iguais, infelizmente, há contradições que nos remetem a investigar e apontar as necessidades dessas modalidades de ensino andarem de “mãos dadas” em critério de igualdade de educação.

Podemos perceber infinitudes de propostas governamentais e manifestações sociais em prol de uma educação no campo e para o campo, contudo, há algumas indagações dessas propostas, como: quais as práticas investidas nessa educação? as escolas do campo, em geral, buscam na prática do docente uma melhoria do ensino de matemática para seus alunos? Há reconhecimento educacional direcionado para o campo? Objetivando responder tais questões, e conhecer a fundo a realidade da educação do campo no ensino da matemática na atualidade, neste trabalho, nos propomos a desenvolver uma pesquisa baseando-nos em materiais já publicados. O propósito do trabalho é investigar e criar possibilidades de inserir a vivência sociocultural dos alunos na construção do seu conhecimento matemático.

Segundo Rossi (2014, p.652), o “ruralismo pedagógico” foi um dos primeiros movimentos ocorridos no campo, por volta de 1933, que entendia que a educação rural deveria abranger “técnicas de leitura e de realizações matemáticas, sem reflexão do contexto do campo e de suas lutas”. Ou seja, a educação do campo deveria ocorrer de forma instrumental, num processo em que as identidades próprias de cada indivíduo eram totalmente negado sendo o foco do ensino voltado para as necessidades do campo. Os alunos não eram ensinados a serem sujeitos ativos na construção do seu conhecimento, sendo a única preocupação capacitar os sujeitos para “serem do campo”. E para isso, o ideal era que os camponeses aprendessem os trabalhos que o ambiente do campo exige.

Os principais desafios impostos para os camponeses na época do ruralismo pedagógico foram a distância do percurso a ser feito da casa até a escola e o número de alunos que não eram suficientes para formarem turmas, com isso, o poder público não poderia investir em políticas educacionais que garantissem uma educação com foco na cidadania, pois teria como consequência um gasto enorme de recursos financeiros com resultados negativos em relação a aprendizagem dos alunos. Além disso, acreditava-se que os camponeses não se enquadravam nos padrões exigidos pela sociedade para obter uma

educação de qualidade.

Por volta do ano 1530, o modelo de ensino escravocrata, copiado de Portugal, ganhava força nas escolas de áreas rurais, onde se concentrava o maior número de escravos e ex-escravos. O modelo consistia em usar a força física do sujeito, valorizando seus direitos sociais e causando vários conflitos entre a população rural e as grandes elites governamentais.

Esse modelo educacional trouxe grandes consequências negativas para o sistema educacional do campo. Por um lado, pela quebra de tradições, valores e hábitos de uma sociedade da qual a escola não fazia parte. De outro lado, pela resistência das elites em ofertar aos camponeses o acesso à liberdade social. Na mesma época do modelo “escravocrata”, houve a implantação de uma pedagogia com foco na construção do conhecimento, porém na educação do campo só houve uma capacitação técnica, com o objetivo de qualificar o sujeito para exercer o trabalho braçal do dia a dia, como: carpir, roçar, plantar e colher. Ou seja, a nova pedagogia apenas deu continuidade ao modelo anterior, com isso os preconceitos educacionais se mantiveram vigentes na educação do campo. Os alunos eram ensinados a lidar com o trabalho pesado desde o início da sua escolarização.

Nos dias atuais podemos observar a implantação de grandes movimentos sociais e políticos em prol da educação do campo. Várias instituições públicas e privadas estão investindo na formação de professores especificamente para atuarem na educação do campo. A Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM, localizada em Diamantina-MG, por exemplo, apresenta uma modalidade de ensino a Licenciatura Educação do Campo - LEC, com cursos voltados para as áreas de Ciências da Natureza e Linguagens e Códigos.

Os cursos de graduação ofertados pela supracitada instituição apresentam conteúdos que instigam os alunos a reconhecerem seus valores culturais, além de capacitarem os futuros docentes a investirem em práticas metodológicas enfatizando a conservação e valorização das origens da cultura e os valores socioculturais.

A partir dessa concepção houve conquistas, através da valorização da Educação do Campo, como o surgimento da pedagogia de alternância. Tal pedagogia possui o objetivo de evitar a evasão nos cursos de licenciatura em educação do campo, principalmente para os docentes que já atuam nas escolas de áreas rurais. Além de fornecer as possibilidades de ingressarem no curso, sendo que essa pedagogia oferece segundo Casgnata (2017, p.596), “etapas presenciais — equivalentes a semestres de cursos regulares — ofertadas em regime de alternância entre tempo universidade e tempo comunidade, tendo em vista a articulação intrínseca entre a educação e a realidade específica das populações do campo.” Com isso, os licenciados têm a capacidade de analisar os conflitos e tensões existentes na realidade do

espaço em que trabalha, podendo ter maior autonomia em relação às práticas a serem desenvolvidas com os alunos.

Porém, essas conquistas na educação do campo não foram suficientes para finalizar as desigualdades existentes entre o estudo no campo e a cidade. Essas divergências vão muito além de políticas públicas/sociais ou leis de amparo, elas atingem um nível de valores culturais e sociais.

A história da educação do Campo relata fatos de preconceitos que até hoje são vistos no nosso atual cenário educacional. Isso mostra que estamos diante de um dos maiores problemas sociais e educacionais enfrentados pela sociedade brasileira. Para que possamos “fazer valer” essa educação no campo é preciso levar em consideração às diversidades e peculiaridades de cada sujeito que compõe a população do campo, sendo necessária uma reeducação dos valores éticos da sociedade como um todo.

Atualmente a sociedade carrega características que remetem sua capacidade de se regenerar quanto a necessidade de se ter uma educação sem desigualdade econômica, social e cultural. O caderno de educação do campo desenvolvido pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad) do MEC (2007), destaca a necessidade de priorizar as ideias e conceitos deixados pelo senso comum dentro da comunidade em que a escola está inserida. E para que de fato pensemos numa educação do campo devemos priorizar o respeito e a valorização do espaço sociocultural de cada aluno.

Dentre as dificuldades apontadas na educação do campo, podemos destacar o ensino da matemática nas escolas do campo com base na preservação cultural de cada comunidade. As políticas públicas garantem que os docentes inovem e criem espaços para atingir as peculiaridades de cada sujeito. Mas para muitos educadores a educação do campo deve abranger os mesmos planos de ensino estabelecidos para as escolas da cidade. Em consequência, temos alunos incapazes de adaptar em uma sociedade tão padronizada em relação ao sistema educacional.

Vale lembrar que a matemática possui vasta aplicabilidade no dia a dia, não sendo uma tarefa difícil, integrar ao plano de aula práticas que englobem os problemas diários dos alunos. As Diretrizes e Bases Curriculares da Educação do Campo dão essa autonomia para os professores com a intenção de garantir que os alunos do campo sejam ensinados com foco no seu contexto. E o que vimos na prática de docentes que atuam nas escolas do campo, são metodologias educacionais semelhantes ao modelo de ensino das escolas de áreas urbanas, sem o mínimo de interação com o espaço do aluno camponês.

O uso da história cultural, contada pelos pais dos alunos, por exemplo, é uma forma de levar a cultura até à escola. Tarefas como plantar e colher trazem problemas reais que se relacionam com conteúdo matemático. Podemos observar em uma situação exemplar, quando um aluno precisa calcular os lucros que seus pais tiveram numa plantação de milho. Esse problema é solucionado, numa linguagem matemática por meio das operações simples: adição e subtração e podem ser usados para ensinar os alunos a conhecerem os números.

Desde o início da história da educação do campo o modelo de ensino de matemática é baseado em um amontoado de contas e fórmulas, passado e repassado para os alunos durante muitos anos. Com a modernidade, é de suma importância que os educandos inovem, criem metodologias educacionais que visem enxergar o contexto sociocultural como principal ferramenta de trabalho, trabalhando sempre com recursos da atualidade.

O campo é cheio de coisas e fatos que permitem a associação da matemática como cultura. A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB nº 9394/96 reconhece a diversidade cultural do campo. Em seu artigo 28, estabelece que dentro da educação básica para alunos de áreas rurais, é essencial que o sistema educacional vigente realize adaptações quanto as práticas de ensino ofertadas para a educação do campo. Além disso, o calendário escolar, os conteúdos curriculares e as metodologias podem ser alterados levando-se em conta a necessidade de adaptar o ensino de acordo com as peculiaridades da vida no campo. Essas medidas devem ser adotadas pela organização escolar do município e pelos professores que atuam nas escolas do campo.

É importante destacarmos a necessidade do docente destinado ao ensino do campo incorporar e cobrar das secretarias municipais um devido amparo a essa população, com o intuito de aperfeiçoar o currículo escolar ao invés de tentar modificá-lo ou comprimi-lo.

Com base na possibilidade de instigar os docentes a desenvolverem práticas educacionais para o ensino da matemática nas escolas de áreas rurais, tendo como princípio a otimização do processo de ensino e aprendizagem dos alunos do campo, esta investigação tem como objetivo proporcionar à educação do campo uma nova visão de como um trabalho focado em situações reais pode quebrar os tabus acerca dos problemas educacionais enfrentados pelos camponeses.

Atualmente, existe uma quantidade considerável de pesquisas sobre as práticas docentes nas escolas do campo, porém, são poucas as que baseiam no processo de ensino

e aprendizagem do aluno. Essas pesquisas, comumente, focam na realidade sociocultural da comunidade em que a escola está inserida e nas dificuldades dos professores em adaptar-se nesse processo educacional. Este estudo pretende, além de investigar as possibilidades de práticas de ensino e aprendizagem existentes dentro da comunidade do campo, mostrar como elas podem adaptar-se ao processo de formação dos alunos.

Nesse sentido, é de suma importância uma análise do problema, destacando as possibilidades de inovar as práticas metodológicas educacionais com o intuito de elevar o ensino da matemática a um patamar em que os alunos consigam identificar os traços da sua cultura dentro das práticas metodológicas. Assim, pode se vislumbrar a necessidade de programar essa proposta educacional tendo como princípio as diversidades culturais presentes no campo e toda sua influência na educação dos camponeses. Com isso, a pergunta se perfaz em: Quais as possibilidades do fazer docente no ensino da matemática, tendo como referência o espaço sociocultural das comunidades do campo? Sendo assim, utilizamos uma abordagem qualitativa e adotamos uma pesquisa documental partindo da análise criteriosa de documentos que possuem elementos que possam ajudar a alcançar os objetivos aqui propostos.

## 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O referencial teórico desta pesquisa é constituído inicialmente por autores que vêm discutindo ao longo da história da educação do campo, temas sobre a importância de visualizar o espaço sociocultural como principal meio de incorporar práticas pedagógicas que tenham potencialidade de garantir um ensino de qualidade para os alunos. Essas referências envolvem questões culturais, políticas e sociais. Tais questões refletem sobre as metodologias utilizadas pelos professores que atuam no ensino da matemática, dentro da educação do campo.

Procuramos discutir a relação das ações dos docentes com a cultura local da comunidade e as possibilidades de desenvolver planos de aula sob a ótica de autores que defendem a necessidade de se relacionar a matemática com o contexto sociocultural do aluno. E ao focalizar a interface entre a educação do campo e o ensino da matemática, tais questões se revelam como base para este estudo.

### 1.1 – Histórico da Educação do Campo

Para a construção desta seção, utilizamos documentos como os da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECAD/MEC (2007), a Lei de Diretrizes e Bases - LDB n.9394/96 (artigo 28) e autores como: Caldart (2003), D' Ambrósio (1998), Antunes Rocha e Martins (2009), Gasparin (2002), Knijnik (1996), Fiorentini (1995) e Freire (1996), Miguel & Mendes (2010), e outros que os consideramos fundamentais por trazerem ideias e questionamentos que nos ajudam a entender os problemas e consequências que permeiam a educação do campo no atual cenário educacional.

A história da educação do campo descreve a evolução do processo educacional dos camponeses, enfatizando que a princípio o processo de ensino destinado às escolas de áreas rurais era incapaz de capacitar os alunos como sujeitos sociais. Viero e Müller (2008) afirmam que, com o grande fluxo migratório dos camponeses para a cidade, em busca de trabalho e melhoria das condições de vida, surgiu o “ruralismo pedagógico”, um movimento cujo objetivo era fixar novamente o homem no campo no campo, evitando assim a superlotação das cidades.

Para autores, como Fernandes (2012), esse movimento foi uma maneira de se inicializar uma educação no campo. Segundo o autor, em meados dos anos 50, foram desenvolvidos programas para preparar técnicos que atuassem na educação rural, “como a Campanha Nacional de Educação Rural e o Serviço Social Rural”. (FERNANDES, 2012, p. 62).

Já no final da década de 60, criou-se a Lei N° 4.024/61 de Diretrizes e Bases da

Educação, estabeleceu-se o ensino tradicional com a finalidade de garantir o direito à educação com direitos e deveres iguais, a participação da família no processo de ensino e aprendizagem do aluno, a liberdade na forma como é transmitido o conhecimento além da flexibilidade dos currículos escolares.

O caderno da educação Secretaria de Educação a Distância, Alfabetização e Diversidade (SECAD) do MEC (2007) apontam que para se ter uma educação do campo e no campo é necessário quebrar alguns tabus e mitos estabelecidos pelo senso comum durante muitos anos, e principalmente, desconstruir as desigualdades educacionais entre as duas esferas de ensino: campo e cidade.

Ao enfatizar sobre as dificuldades apresentadas no fazer docente nas escolas da zona rural, Antunes-Rocha e Martins (2009) questionam o fato de muitos professores enxergarem a educação do campo como um ensino qualquer, ou simplesmente como uma escola localizada no meio do mato, e por isso não investem em práticas/planos que possam garantir um ensino de qualidade. Para os autores, o conceito de educação do campo possui traços originais de uma cultura rica em valores “morais e éticos”, e significa aprender com a terra, com a relação da natureza com o ser humano e com a beleza do campo. Além disso, Caldart (2003,p.66) afirma que:

Uma escola do campo não é, afinal, um tipo diferente de escola, mas sim é a escola reconhecendo e ajudando a fortalecer os povos do campo como sujeitos sociais, que também podem ajudar no processo de humanização do conjunto da sociedade, com suas lutas, sua história, seu trabalho, seus saberes, sua cultura, seu jeito.

Caldart (2003) e Antunes-Rocha e Martins (2009) defendem um ponto em comum quando apontam a escola do campo como um lugar onde há diversidade de valores culturais e de saberes, são traços carregados durante anos de lutas e trabalho, que merecem ser destacados e lembrados.

Para Peixer e Varela (2011), o papel da educação do campo é de educar os camponeses, para que tenham autonomia quanto sua trajetória de vida. Porém, essa educação só terá sentido quando for pensada com eles e para eles, caso contrário a escola não fará sentido para a formação do sujeito.

Durante muito tempo, o ensino no campo foi tratado com base nos modelos educacionais da cidade, os alunos eram ensinados a sonegarem suas identidades próprias em prol de uma formação “social” para serem aceitos perante a sociedade, com costumes e modos iguais. Diante disso, era evidente a multiplicação do preconceito e estereótipos entre os alunos do campo e alunos da cidade. Com o surgimento de movimentos sociais que visavam o acolhimento dos valores culturais do campo, o Brasil começou a entender que o campo é muito mais que um espaço geográfico, mas sim, um lugar onde há

reflexões. Tal lugar, há políticas públicas e pesquisas, é um lugar cheio de costumes e valores propriamente adquiridos e cultivados de geração em geração.

Após anos de luta, os camponeses começaram a ser vistos como pessoas do campo, com valores e costumes próprios. No decorrer dos anos, foram instituídas várias políticas públicas de garantia a educação de fato no campo, com base no contexto sociocultural dos alunos, porém, essas políticas não foram suficientes para dar fim as desigualdades de ensino, pois elas estão impregnados no seio da sociedade, e para que possamos valer esses direitos precisamos reeducar a sociedade em um todo, tarefa difícil, mas não impossível.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei n.9394/96) por sua vez reconhece a diversidade cultural do campo. Em seu artigo 28, estabelece que na oferta da educação básica para a população do campo, o sistema escolar poderá fazer alterações curriculares na necessidade de adequar esse ensino segundo as peculiaridades da vida rural de acordo com cada comunidade. As diretrizes operacionais por uma educação do campo, segundo o Ministério da Educação:

A Educação do Campo pode ocorrer tanto em espaços escolares quanto fora deles. Envolve saberes, métodos, tempos e espaços físicos diferenciados. Realiza-se na organização das comunidades e dos seus territórios que se distanciam de uma lógica meramente produtivista da terra e do seu próprio trabalho. Nas formas de organização se vivencia o direito de relacionar-se com a terra e com a cultura através dos diferentes conhecimentos e raízes históricas. (MEC, 2002, p.1-3).

Tanto a LDB quanto as Diretrizes Operacionais por uma Educação do Campo, sinalizam a perspectiva de análise curricular do processo de ensino e aprendizagem na educação do campo. As leis, direitos e considerações aprovadas dentro da educação do campo, sobre o espaço e tempo das organizações e das metodologias de ensino, nos permitem considerar as diferentes maneiras de se pensar as práticas docentes dentro de um contexto sociocultural. Nesse sentido, a educação do campo admite a possibilidade de docentes e discentes vivenciarem práticas socioculturais campesinas, a partir de atividades produzidas no seu dia a dia. Nesse viés, vamos direcionair tais práticas para o âmbito da matemática.

## **1.2 Práticas docentes do professor de matemática**

D'Ambrosio (1998) defende o ensino da matemática respeitando as especificidades da educação do campo e suas implicações didático-pedagógicas. Para o autor a matemática deve ser entendida não apenas como um amontoado de fórmulas ou para solucionar problemas, mas sim pensada para:

[..] desenvolver a capacidade do aluno para manejar situações reais, que se apresentam a cada momento de maneira distinta. Não se obtém isso com simples capacidade de fazer contas nem mesmo com a habilidade de solucionar problemas que são apresentados aos alunos de maneira despreparada. (D'AMBRÓSIO, 1998, p.16)

Com isso, a necessidade de trabalhar a matemática no campo e para o campo, respeitando as diferenças culturais de cada comunidade. Tomemos a afirmação de D'Ambrosio (1998, p.42) que, “reconhecer e respeitar as raízes de um indivíduo não significa ignorar e rejeitar as raízes do outro, mas, num processo de síntese, reforçar suas próprias raízes”.

Do ponto de vista de Knijnik (1996), os saberes adquiridos no cotidiano e a matemática aprendida na escola devem dialogar para haver uma aprendizagem completa. A autora explicita que essa educação precisa alcançar a interação do aluno com o que ele está aprendendo, então nada mais justo do que incorporar a cultura nesse processo, o aluno consegue relacionar sua realidade com o conteúdo, ajustando fatos do seu dia a dia com os conteúdos em sala de aula.

Ao focalizar os estudos na educação do campo, essa importância em modernizar as práticas educativas torna-se fundamental no ensino e aprendizagem dos camponeses, uma vez que as políticas públicas e sociais já se manifestaram quanto a essa diferenciação de ensino. Logo, cabe ao professor educador do campo fazer valer esse ensino, aplicando os recursos que valorizem o contexto étnico, social e cultural dos alunos.

Com isso, vários autores debatem sobre a evolução do processo educativo dos camponeses e os embates envolvendo os conflitos sociais de comunidades rurais com o poder público na garantia do direito à educação. Bicalho (2007, p.211) destaca que a maior preocupação nesse processo “será as relações que se sobressaem dos laços entre as instituições, a diversidade cultural, as identidades e memórias, a educação popular, os movimentos sociais e as políticas públicas”.

Para Miguel e Mendes (2010, p.24-25), a possibilidade de inovar as práticas metodológicas deve partir da formação do professor. Os autores destacam que essa reorientação curricular necessita de atitudes e hábitos de investigação do contexto sociocultural e cultural, a partir daí o profissional irá se comprometer com a qualidade do trabalho educativo a ser desenvolvido no contexto em que o aluno está inserido. E a efetivação de um diálogo entre a teoria aplicada em sala de aula com as práticas socioculturais estabelecidas no contexto do aluno, irá estimular a criatividade matemática por parte do professor em relação ao aluno.

Há vários apontamentos de autores que enxergam o ensino da matemática num contexto histórico-cultural, como um meio de garantir um ensino mais dinâmico e preciso.

Diante da necessidade de se criar metodologias inovadoras, Fiorentini (1995, p. 31), indaga que:

A matemática sob uma visão histórico-crítica, não pode ser concebida como um saber pronto e acabado, mas, ao contrário, como um saber vivo, dinâmico e que, historicamente, vem sendo construído, atendendo a estímulos externos (necessidades sociais) e internos (necessidades históricas de ampliação de conceitos).

Para o autor o ensino da matemática passa de um modelo formalista para um conhecimento prático e não universal, assumindo uma dinâmica produzida historicamente, podendo ser sistematizado ou não. Com isso “o aluno terá uma aprendizagem mais efetiva e significativa da matemática se estiver relacionada ao seu cotidiano e a sua cultura” (FIORENTINI, 1995, p. 31).

As políticas públicas vigentes que regulam a educação do campo permitem que o docente use sua imaginação/interação com o meio para desenvolver sua atividade. É como Freire (1996, p.28) aponta: “[...] não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”. “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (p.39).

Diante do exposto, torna-se de fundamental importância a inclusão nos currículos escolares de temáticas voltadas a demonstrar a realidade dos alunos do ambiente rural, de forma a fazer uma interação entre os saberes próprios da cultura dos alunos e dos conteúdos que estão sendo desenvolvidos em sala de aula. Desta maneira, os valores culturais da comunidade campesina são valorizados e reconhecidos pelos alunos, comunidade e pelos professores.

## **2. Metodologia**

Esta pesquisa se configura como uma pesquisa de abordagem qualitativa, por meio de uma análise bibliográfica de teses e dissertações publicadas entre os anos de 2015 a 2019, analisar a formação dos professores, as práticas metodológicas e as medidas que têm sido implantadas na educação do campo, que revelam melhoria no ensino da matemática para os alunos do ensino fundamental.

A escolha da abordagem qualitativa se justifica por se adequar melhor ao tipo de pesquisa proposto. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos. Nesta investigação pretendemos aproximar a prática das escolas do campo com os alunos e com a

comunidade de maneira que essa relação proporcione a valorização cultural dos indivíduos.

Os objetivos específicos desta investigação são: a) Identificar as políticas públicas que garantem os direitos a uma educação do campo que leve em conta o contexto sociocultural do aluno; Identificar as possibilidades do fazer docente nas escolas rurais, na visão dos professores de matemática que atuam na educação do campo; Verificar por meio de análise em teses e dissertações, se as ações dos professores que atuam nas escolas de áreas rurais estão estimulando a aprendizagem dos alunos no ensino da matemática.

Os documentos analisados partiram de uma busca no site da CAPES, a partir das palavras-chave: Educação do campo, cultura, formação de educadores, sugestões didáticas no ensino da matemática, política públicas e sociais. Todos possuem relevância com a temática proposta neste trabalho. Assim, se fez necessário uma busca criteriosa, que englobasse não apenas a educação do campo, mas, que apontasse a funcionalidade da inserção do espaço cultural e as práticas que estão sendo realizadas no ensino da matemática dentro das salas de aula das escolas rurais.

### **3. Análise dos resultados:**

Neste tópico, apresentamos uma análise de teses e dissertações produzidas no ano de 2015 até o ano de 2020, sobre a Educação do Campo, formação de professores e práticas pedagógicas no ensino da matemática nas escolas do campo. A opção por esse período de análise está diretamente ligada às desigualdades de ensino apresentada nos últimos cinco anos em relação ao ensino nas escolas de áreas rurais. A busca pelo material relaciona-se à necessidade de inserção do espaço e da cultura nas práticas pedagógicas das escolas do campo. As categorias apresentadas foram construídas a fim de fornecer subsídios para alcançar os objetivos propostos nesta investigação.

#### **Teses e dissertações no período de 2015 a 2019**

	Ano de 2015	Ano de 2016	Ano de 2017	Ano de 2018	Ano de 2019
Dissertações	5	5	4	2	2
Teses	1	0	2	00	00

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora

### 3.1 - Categoria 01- Educação do Campo: formação docente

A implantação das licenciaturas em educação do campo culminou em conquistas significativas para os povos camponeses. Diante dos manifestos e reivindicações dos trabalhadores do campo em prol da conquista de uma educação para o campo, se inicia no ano de 2007 as licenciaturas na educação do campo com quatro experiências consideradas piloto desenvolvidas pelas Universidades Federais de Minas Gerais - UFMG, Universidade de Brasília-UnB, Universidade Federal de Sergipe - UFS e Universidade Federal da Bahia - UFBA. A partir de então, a educação do campo começa a ocupar um espaço significativo na sociedade.

Conhecer as particularidades da formação de docentes para a educação do campo, é fundamental para o entendimento das políticas públicas e sociais alcançadas pelos povos camponeses. As licenciaturas para a educação do campo vêm analisando essas dimensões e apontando as concepções das práticas educativas desenvolvidas nesse campo. Em uma análise ao material produzido por Santos (2016, p.70) sobre a pedagogia histórico-crítica e a formação continuada de professores, podemos entender que, para a autora a formação de professores é “um dos maiores desafios das políticas educacionais em nosso país”. Isso devido à desvalorização desse ensino, principalmente nas escolas rurais, que segundo a autora, está relacionado com “a precarização das condições objetivas de trabalho e da desvalorização salarial e social de sua atividade”.

Rodrigues (2017) destaca essa problematização apontada pela autora anterior, quanto aos resultados de uma pesquisa entre alunos do campo e alunos de áreas urbanas. Nos dados levantados, enquanto 23% dos professores de escolas rurais recebem salário superior a três salários-mínimos, essa porcentagem alcança aproximadamente a 40% dos professores de áreas urbanas. Além disso “nas escolas urbanas, a proporção de professores que trabalham há mais de seis anos como docentes é superior às do meio rural (79% e 85%, respectivamente)”. (RODRIGUES, 2017, p. 40).

Na busca por respostas acerca das diferenças encontradas na educação do campo e na educação urbana, os dois trabalhos analisados apontam que, as desigualdades educacionais não se resumem apenas a essas diferenças de ensino, longe disso, temos fatores maiores para lidarmos, entre eles, destaca-se a prática pedagógica em sala de aula. A principal característica da educação do campo é sua pauta em uma educação formativa. Conservar os valores éticos, sociais e culturais são cruciais na formação de seus educadores, porém não se devem furtar a trabalhar esses valores de forma igualitária. “Além disso, ainda como perspectiva da proposta de educação do campo apresenta-se a necessidade de que as políticas e programas educacionais destinados às comunidades

rurais devam ser construídos com a participação dos sujeitos do campo”. (SOUZA,2017,p. 118).

Permitir que os camponeses tenham participação na elaboração das práticas pedagógicas é um caminho para que de fato a cultura seja valorizada no espaço rural. Amorim (2017) em sua dissertação “Pés de milho e feijão: narrativas sobre uma escola rural da zona da mata mineira”, na aplicação do seu projeto em uma escola do campo relata que, percebeu, durante suas vivências, que as relações estabelecidas entre professores rurais e as famílias dos alunos eram muito estreitas, além disso, fazer com que os docentes tenham o prazer de fazer parte de uma cultura camponesa é fundamental para que os alunos enxerguem seu espaço como um meio de aprendizagem, assim como demonstra a autora “Como é bom poder trabalhar com as ruralidades que nos cercam” (p.30).

Para Rodrigues (2016), em sua pesquisa levantada sobre Práticas pedagógicas em educação matemática do campo em escolas rurais de Picos/Pi, com professores da rede municipal nas escolas do campo, a desvalorização da diversidade camponesa é ainda mais significativa, em uma de suas observações na sala de aula de uma escola do campo, Rodrigues (2016) relata que a professora trabalhou os conteúdos matemáticos utilizando como metodologia a resolução de problemas, explicando e fazendo correções na lousa até a mesma responder as questões. “Os alunos iam copiando os registros que a professora escrevia no quadro” (p.44).

Por mais que se pense em práticas que valorizem a cultura de áreas rurais, o modelo que prevalece na educação camponesa se iguala a educação que ocorre em áreas urbanas, e muito além, segue a padronização estabelecida desde a inicialização da educação no país: o professor como protagonista e os alunos como receptores de informações e amontoados de fórmulas sem valia para seu crescimento pessoal e social.

Uma reflexão sobre os trabalhos analisados parte do princípio de que, na maioria das escolas rurais, a falta de interação entre professor-aluno, professor-comunidade e professor-aluno-comunidade, tornou-se um grave problema educacional, e tem respingado principalmente na formação do aluno, isso em decorrência das práticas aplicadas em sala de aula e da formação dos professores.

No trabalho produzido por Neto (2019) é possível identificar como a relação entre cultura, dinâmica e conteúdos teóricos podem dar certo. Ao elaborar uma prática metodológica tendo como referência o espaço em que o aluno está inserido, a professora não apenas apresentou um material diferenciado, mas sim, criou um meio de trazer para

a sala de aula aquilo que o aluno vive no seu cotidiano, como brincadeiras ao ar livre, usode histórias reflexivas, jogos realizados pelos próprios alunos, entre outras.

Para complementar esse questionamento sobre a educação do campo e a formação de professores para o campo, Amorim (2017, p. 40) relata sua experiência como professor do campo destacando que “a vida dos professores rurais é rica em experiência, [...] Possivelmente essa riqueza advenha do entrelaçamento coerente de valores e de ações, que formam a subjetividade do educador e as influências na comunidade onde atuaram”. Ser docente em escolas do campo é fazer parte de uma cultura, é ser responsável por conservar e valorizar cada traço daquela comunidade, é além de tudo ser o criador de laços entre as limitações e possibilidades de uma educação de qualidade. “O professor precisa ser um sujeito que acredita na mudança, para que além de fomentar o ensino e aprendizagem, ele respeite a diversidade cultural”.(AMORIM, 2017, p.40).

Ao vincular a Proposta de educação do campo e a escola, pode-se contribuir para que as gerações presentes hoje no campo, possam ter uma formação que afirme sua identidade e possam contribuir com o desenvolvimento do campo e da sociedade (SOUZA, 2016). Nesse sentido, para que a escola relacione sua prática pedagógica com a cultura da comunidade, é essencial que ela atue com o papel de socialização dos educandos estando atenta ao tipo de sujeito que se pretende formar (RODRIGUES, 2016).

As ideias e relatos dos referenciais de análise, por mais que ocorreram em espaço e tempo diferenciados, possuiu unanimidade em relação à valorização da educação do campo, à formação docente e à elaboração das práticas pedagógicas em escolas rurais de maneira a contemplar a realidade do sujeito. A escolha dos documentos não ocorreu pela interligação entre os pontos e questionamentos dos autores, isso apenas firma que, por mais que busquemos materiais que valorizam em sua teoria a educação do campo, pensando no espaço sociocultural do aluno, às práticas pedagógicas em torno dessa educação continua sendo desvalorizada por grande parte dos professores e principalmente pela aplicação e vigência de políticas públicas no contexto rural.

### **3.2 - Categoria 02- Educação do campo: políticas públicas**

As Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo instituídas pela Resolução CNE/CEB 1/2002, estabelece nos artigos 12º e 13º as orientações para o processo de normatização dos professores das escolas do campo que

prevê a formação inicial e continuada de professores nos diferentes níveis e modalidades. Mas sabemos que a realidade fora do papel é mais complexa e bem menos definida. Neto (2019, p.68) aponta que “o acesso à escola tem se ampliado nas últimas décadas. Porém, na prática, percebemos que a garantia de acesso não é garantia de permanência e nem de aprendizagem”.

Menezes (2017, p. 101) em sua tese sobre Educação do Campo no Semiárido como Política Pública: Um desafio à articulação local dos movimentos sociais, relata que “O processo de construção das políticas de Educação do Campo resulta da relação entre Estado e movimentos sociais populares, num cenário de muitos embates, mobilização, articulação social e protagonismo de movimentos sociais”. Ou seja, essa relação entre educação do campo e as políticas públicas não parte apenas da luta dos camponeses, ou de, apenas movimentos sociais ou políticos, como toda ação, esse processo deve ser trabalhado em equipe, de modo que ambas as partes tenham uma participação efetiva.

Muitas escolas rurais estão sendo fechadas devido à falta de professores e principalmente devido à grande migração dos alunos para as escolas urbanas, e o que temos até então? Não é difícil responder a essa pergunta, temos vários professores em atuação, porém, sem a capacitação necessária para trabalhar as culturas camponesas nas suas aulas. Mas a quem cabe iniciar esse processo de capacitação com os professores do campo? Neto (2019) acredita que a educação do campo é um tema que merece ser discutido na área da educação, pois sofreu historicamente grandes desafios, quanto a elaboração e implantação de políticas públicas no contexto brasileiro, entre avanços e retrocessos.

Primeiramente se conhece o papel da escola para somente então aplicar a prática formativa de educadores. O que pode ser uma tarefa difícil durante esse período de transformação do campo, em termos de processos agrícolas, exigências de concentração de terras.

Nesse contexto de disputa entre diferentes projetos de campo e de desenvolvimento, colocam-se as redefinições das funções sociais da escola: ela deve contribuir para formar crianças, jovens e adultos camponeses como lutadores e construtores do futuro. Essa redefinição do papel da escola é o ponto crucial do qual se fundamenta as licenciaturas para a educação do campo. “O projeto político-pedagógico emana de uma construção coletiva que envolve os profissionais da escola, os alunos, os pais, a comunidade e as organizações sociais” (SOUZA, 2016, p. 121). A essência do trabalho docente nas escolas do campo está na organização escolar e na vigência das

políticas públicas dentro desse espaço, visando não apenas o espaço sala de aula mais os acontecimentos dentro e fora da escola. Este é o princípio da educação do campo: relacionar a cultura o território e a educação.

É importante destacar que a necessidade da formação de professores por meio de políticas públicas para o campo parte da defesa de uma educação no campo e para o campo, considerando “que o sujeito do campo tenha condições políticas e sociais de melhorar seu padrão social e econômico e que seja capaz de emitir ideias e trocar experiências” (AMORIM, 2017, p. 33).

Podemos tomar as ideias de Santos (2016, p. 80), em complemento à fala de Amorim (2017), quando ele destaca um conjunto de “experiências e programas” para a formação de professores para o campo: O Programa Nacional de Educação do Campo – PRONACAMPO que prevê ações específicas para a formação inicial e continuada dos professores do campo e recupera a experiência em outros projetos a exemplo do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA, do Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo - PROCAMPO, Saberes da Terra e Universidade Aberta do Brasil - UAB Diversidade.

Temos ainda, a pesquisa realizada por Souza (2016, p. 127) sobre as políticas públicas nas escolas do campo:

Precisamos desenvolver em nossas escolas do campo, uma educação que transcenda o espaço escolar, que estimule a luta pela justiça e igualdade social, que trabalhe a formação humana, assumindo no seu processo pedagógico uma ação política e pedagógica.

Compreender a concepção de educação do campo, suas finalidades e princípios básicos, como instrumentos para analisar seu espaço de atuação, bem como reconhecer estratégias de ação que possam ser aplicadas nessa realidade, constitui-se como pressupostos fundamentais na elaboração do projeto político pedagógico para a escola do campo. E cabe a esse projeto estabelecer relações entre os povos do campo e a educação gratuita, possibilitando aos sujeitos do campo, entender as diversidades do campo, no sentido de apropriá-la à sua educação em sala de aula, e essa contribuição deve englobar as lutas sociais, “traduzindo em conhecimentos teóricos e práticos o estudo da realidade em que estão imersos os diferentes coletivos do campo”. (SOUZA, 2016, p. 118).

### **3.3 - Categoria 03- Educação do campo e contextos matemáticos**

Analisar a educação do campo, as políticas públicas, os movimentos sociais e a formação de professores para o campo, são fundamentais para que possamos apontar caminhos metodológicos em determinada área de aprendizagem. Sabemos que o espaço rural é rico em saberes e culturas que devem ser valorizados, nada mais apropriado do que cultivar esses conhecimentos em sala de aula.

A Educação matemática no campo, dentro dos princípios da educação do campo, busca novos saberes que vão ao encontro da realidade do aluno, endereçando para um programa da matemática, a *Etnomatemática*. Esse programa valoriza diferentes modos de trabalhar em sala de aula e faz do aluno um sujeito construtor do seu conhecimento, dialogando com a realidade do mesmo, aprendendo com a sua cultura e, dessa maneira, contemplando o currículo de maneira interdisciplinar.

Apesar da precisão de pensar o ensino da matemática com práticas diferenciadas nos primeiros anos de alfabetização, não há produção de muitos materiais que demonstram na prática o ensino da matemática nas escolas do campo com referência no espaço sociocultural do aluno. Em uma análise feita por Lima (2019) é possível identificar a importância desse processo de socialização entre a escola, o professor, o aluno e a família. Com isso, é possível enxergar nas histórias o uso contínuo da matemática, desde uma simples ação, quando um aluno observa o movimento das engrenagens da máquina de moer cana, até situações mais complexas, envolvendo cálculos de litros em relação a quantidade de cana.

Nesse ensejo, o trabalho coletivo desenvolvido na escola deve estar alinhado ao projeto de educação do campo, sabendo da importância da participação dos sujeitos do campo, na tomada de decisões da escola, no intuito de construir uma educação pautada em seus anseios e necessidades.

Essa relação da matemática com ações produzidas dentro da própria comunidade em que o aluno está inserido é destacada também por Kleimann (2017), porém, de forma contraditória, sua pesquisa retrata as percepções docentes sobre o ensino de ciências e a educação do campo em escolas do município de Toledo/PR. Na entrevista realizada com professores que atuam nas escolas do campo, foi possível identificar que, para a maioria desses professores o ensino das ciências em sala de aula segue na verdade o ensino aplicado no ensino urbano, e que cabe a escola procurar significar esse ensino para o campo. E, mesmo aquele professor que aponta a necessidade em trabalhar o contexto

do aluno nas aulas, finaliza seu discurso dizendo que seu plano de aula é o mesmo para os alunos de áreas urbanas e rurais.

Em uma terceira análise, temos o trabalho realizado por Rodrigues (2016) sobre práticas pedagógicas em educação matemática do campo em escolas rurais de Picos/PI. Ao relatar sua pesquisa, a autora enfatiza as ações e falas da professora a respeito do ensino da matemática, considerando que tinha uma formação continuada em educação matemática para o campo. A professora Vera, em sua prática seguia uma sequência de conteúdo do livro didático, expunha o tópico a ser estudado e em seguida escrevia na lousa alguns exemplos para que os alunos pudessem fixar os conteúdos. “Vera trabalhou os problemas matemáticos explicando e fazendo anotações no quadro até ela mesma responder os problemas” (RODRIGUES, 2016, p. 45).

Os dados apontados nas teses e dissertações analisadas nos mostram possíveis caminhos para implantar nas aulas de matemáticas das escolas do campo, atividades que utilizam o contexto do aluno e que trabalhe suas peculiaridades. Na primeira análise, temos um exemplo prático de como é possível trabalhar a matemática com alunos camponeses. A autora destaca o uso da história dos familiares para validar esse ensino, possibilitando a participação efetiva do aluno, do professor e principalmente da família no processo de formação dos alunos.

Ao analisar a tese de Kleimann (2017), percebemos falta de interesse ou de conhecimento de professores que atuam nas escolas do campo sobre a necessidade de investir em aulas diferenciadas para os alunos camponeses. Para os professores citados na pesquisa, basta apenas ensinar o que os alunos devem aprender, ou seja, seguir as orientações de livros com sequências didáticas e fórmulas a serem decoradas. Não que estamos tentando tirar o livro da sala de aula, mas sim diversificar esse ensino, e principalmente tirar a ideia de que a matemática não pode ser compreendida.

Vale ressaltar que as contradições sobre a aplicação de metodologias diferenciadas nas escolas do campo, apresentada nos materiais analisados, refletem a realidade da nossa educação do campo. Temos as políticas públicas que subsidiam a educação do campo, licenciaturas que permitem o aprimoramento dos docentes que atuam nas escolas do campo, logo, falta para completar esse quadro, a vontade/interesse do professor em estabelecer juntamente com

a escola/município práticas que permitem a associação do ensino da matemática no campo com a cultura presente no espaço em que essa educação ocorre.

Há uma infinidade de possibilidades no campo, que podem ser utilizadas como ferramenta de trabalho no ensino da matemática nas escolas do campo, entre elas podemos destacar, além do uso da história dos próprios moradores das comunidades, abordado por Lima (2019), que pode ser aperfeiçoada em vários conteúdos matemáticos, como por exemplo: ao analisar a história de uma estudante, podemos verificar como seus pais controlam uma plantação de milho, feijão, arroz, amendoim e outros derivados da terra, e assim ensinar aos alunos as operações simples de matemática, como medir a produção, como dividir uma medida de milho para três gados/galinha, como saber a quantidade que plantou em relação à quantidade que colheu.

São inúmeras possibilidades que permitem ao professor diversificar na sua prática e como recompensas têm uma formação de alunos capazes de reconhecer seu espaço como um ambiente de conservação, valorização e aprendizagem. Diante do exposto, deve-se considerar ainda, essa importância do resgate da cultura das escolas e comunidades, como elemento da realidade do aluno que deve fazer parte do projeto político-pedagógico. Nesse sentido, é importante que os profissionais da escola: diretores, supervisores e docentes adotem ações em conjunto com os pais e alunos para que o desenvolvimento das práticas a serem realizadas na sala de aula, seja contínuo.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo destacou temas sobre a Educação, práticas pedagógicas e a efetivação das políticas públicas dentro das escolas do campo. O trabalho reafirmou a ideia de que a educação do campo, enquanto política pedagógica, necessita urgentemente ser discutida nas licenciaturas de formação de professores para o campo, na formação continuada de professores e principalmente nas comunidades campesinas.

É evidente a exigência de uma retomada na educação do campo, de forma que a ação educativa assuma a responsabilidade de formar sujeitos tendo como referência a identidade sobre a qual a escola está inserida. Discutindo na sua prática propostas de ensino que versam a cultura do campo e as questões que envolva a comunidade rural.

Diante das análises realizadas, a formação apresentada para os docentes do campo, seja nas licenciaturas do campo ou na formação continuada, desconsidera os pontos primordiais defendidos nos documentos da educação do campo, que é a valorização da cultura dentro da sala de aula, e o uso de práticas diferenciadas. Essas questões vêm refletindo no desenvolvimento da ação educativa das nossas escolas rurais, deixando marcas significativas na formação dos alunos. Além disso, os docentes com licenciatura em educação do campo, ainda fundamentam sua prática educativa na adaptação de propostas da educação urbana.

No decorrer deste trabalho, por meio das reflexões dos documentos analisados, foi possível perceber que as escolas do campo, apresentam fortes características da educação urbana, uma vez que o trabalho pedagógico das escolas do campo é referenciado ao modelo de educação pautado na apresentação de resultados por meio das avaliações externas e resolução de problemas.

Existe uma quantidade razoável de pesquisas e debates sobre a importância do papel do professor na conservação dos valores culturais de uma comunidade rural e sobre as práticas educativas nesse ambiente educacional. A base teórica da educação do campo é pautada em ideias e saberes advindos de grandes pensadores como D'Ambrosio (1998), Freire (1996), Fernandes (2012), entre outros, que vem discutindo o papel do docente nas escolas do campo. Porém, são necessárias ações práticas, que vão além de sugestões metodológicas. E para que possamos valer essas sugestões de ensino é necessário que os professores das escolas do campo tomem iniciativas inovadoras, quanto sua prática em sala de aula.

Nesse ensejo, a formação continuada de docentes, podem contribuir para uma reflexão política e pedagógica dos professores e gestores que atuam na educação do campo, desde que estes sujeitos como professores consigam enxergar a necessidade de valorizar as singularidades apresentadas dentro do espaço rural, e passem a trabalhar em prol da transformação social dos alunos campesinos, reforçando sua cultura e resiliência

alcançada ao longo da sua história.

Temos as políticas de amparo à essa educação, sugestões inovadoras para a prática educativa e resultados surpreendentes de escolas que aderiram em seu currículo, metodologia que valoriza o espaço do aluno, logo cabe a escola, juntamente com o município, buscar meios de implementar em seu currículo práticas que alcancem a educação do campo, dentro das suas peculiaridades.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES-ROCHA, M. I.; MARTINS, A. A. **Educação do Campo: Desafios para a formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. Coleção Caminhos da Educação do Campo. 2009
- AMORIM, D. A. M. de **Pés de milho e feijão: narrativas sobre uma escola rural da zona da mata mineira!**. Mestrado em educação instituição de ensino: Universidade Federal de Juiz de Fora.,2017
- BRASIL. **Educação no Campo: diferenças mudando paradigmas**. Brasília: MEC, 2007.
- CALDART, R. **Movimento Sem Terra: lições de pedagogia**. Currículo Sem Fronteiras, v. 3, n. 1, p. 66, jan./jun. 2003.
- CASTAGNA, M. M. **Contribuições das licenciaturas em educação do campo para as políticas de formação de educadores**. Educ. Soc., Campinas, v. 38, nº. 140, p.587-609, jul.-set., 2017.
- D'AMBROSIO. **Etnomatemática: arte ou técnica de explicar e conhecer**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, Coleção Tendências em Educação Matemática.,2001
- FERNANDES, I. L. C. **Educação do Campo: a trajetória de um projeto de mudanças para os povos do campo**. Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 11, n. 2, p. 58-69, jul./dez. 2012.
- FIorentini, D. **Alguns modos de ver e conceber o ensino da matemática no Brasil**. Zetetiké, v.3, n.4, p. 26-31, nov. 1995.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo. Paz e Terra, 1996.
- KLIEMANN, C. R. M. **Percepções docentes sobre o ensino de ciências e a educação do campo em escolas do município de Toledo/PR** '. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANA., 2017
- KNIJNIK, G. **Exclusão e resistência: educação matemática e legitimidade cultural**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996.
- KUHLMANN JR., M., FERNANDES, R. **Sobre a história da infância**. In: FARIA FILHO, L. M.(Org.). **A infância e sua educação: materiais, práticas e representações** (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LIMA, G. M. L. **Educação do Campo e Educação Matemática: uma articulação possível!**. Mestrado Profissional em ENSINO DE CIÊNCIAS EXATAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, .2019
- MEC. **Documento de Diretrizes e bases da educação nacional**. LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, p.10.
- Mendes, I. A.; Miguel, C. **História nas aulas de Matemática: fundamentos e sugestões didáticas para professores**. Belém: SBHMat, 2016.

MENEZES, A. C. S.. **Educação do campo no semiárido como política pública: um desafio à articulação local dos movimentos sociais'** Doutorado em educação instituição de ensino: Universidade Federal da Paraíba (João Pessoa ), 2017

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

Ministério da Educação. (2002). **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Resolução CNE/ CEB Nº 1-03/04. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/sifedocregional/images/Anais/Eixo%2006/Fabiane%20Mesquita%20Haudt%20e%20Luciano%20Brasil%20Rivatto.pdf>

NETO, V. F.. **Quando aprendo matemática, também aprendo a viver no campo? Mapeando subjetividades'** Doutorado em EDUCAÇÃO MATEMÁTICA Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL, Campo Grande , 2019

PEIXER, Z. I.; VARELA, I. A. (Lages, SC: Grafine, 2011). **Educação do campo**. (2008). Disponível em: <http://coral.ufsm.br/sifedocregional/images/Anais/Eixo%2006/I%C3%AAscara%20Aparecida%20Almeida%20Varela%20e%20Zilma%20Isabel%20Peixer.pdf>

RODRIGUES, L. O. **Ensaio sobre diferencial de desempenho escolar entre alunos de escolas rurais e urbanas no Brasil'** Mestrado em economia rural instituição de ensino: universidade federal do Ceará, fortaleza . 2017

RODRIGUES, M. S. **Práticas pedagógicas em educação matemática do campo em escolas rurais de Picos/PI'** Mestrado em ensino de ciências e matemática instituição de ensino: Universidade Luterana do Brasil, 2016

ROSSI, R. **Paulo Freire e educação do campo: da invasão à ocupação cultural para a liberdade campo-território: revista de geografia agrária**, v. 9, n. 17, p. 652-671, abr., 2014.

Secad/MEC (2007, p. 13): **caderno de educação do campo**: disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaocampo.pdf>

SANTOS, M. P.. **A pedagogia histórico-crítica e a formação continuada de professores para as classes multisseriadas em escolas do campo'** Mestrado profissional em educação do campo instituição de ensino: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa.2016

SANTOS, R. B. **História da Educação do Campo no Brasil: O protagonismo dos movimentos sociais**. Micropolítica, democracia e educação. (UFRRJ). Teias v. 18 • n. 51 • 2017 (Out./Dez.)

SOUZA, M. R. S.. **A contribuição do projeto político - pedagógico para a formação da identidade das escolas do campo: um estudo sobre o subsistema de Maricoabo - Valença-Bahia'** 01/04/2016 169 f. Mestrado profissional em educação do campo instituição de ensino: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa . 2016.